

Por Que Você Não me Entende?

Observando a Comunicação Entre os Sexos

Sylvia B. Rasi

Cena No. 1: Bette é passageira em um carro dirigido por seu amigo, Adrian. Está escuro lá fora e a sinalização da estrada é precária. Por meia hora eles têm tentado localizar um endereço desconhecido. Enquanto eles passam pelo mesmo posto de gasolina pela terceira vez, Bette sugere que ele pare para tomar informações. Adrian insiste que o lugar “esta ali, bem pertinho.” Eles rodam por mais quinze minutos e a tensão aumenta. Outra vez Bette sugere que seria lógico parar e perguntar a alguém que conheça o local, mas ela é ignorada. Bette, “fumegando” silenciosamente, conclui que Adrian é irracional e um teimoso irrecuperável. Ela se pergunta como eles se tornaram amigos e ela jamais notou isto.

Cena No. 2: Casados de novo, Julie e Mário estão na festa de um amigo. Julie, usando o seu favorito vestido de seda, está linda, e Mário diz-lhe isto. Alguns minutos depois, a tragédia acontece. Outro convidado, acidentalmente derrama suco no vestido de Julie.

Ela procura Mário no outro lado da sala e desabafa: “Nunca vou conseguir tirar esta mancha enorme. E este é o meu vestido favorito! Ele está arruinado.”

Observando a mancha, a qual parece horrível, Mário responde: “Não se preocupe, querida. Ela não é tão grande. Provavelmente sairá com um pouco de bicarbonato ou qualquer outra coisa.” Julie lança-lhe um olhar de incredulidade. Seus olhos se enchem de lágrimas e ela corre para fora da sala.

“O que eu disse de errado?” per-

gunta-se Mário. “Eu não sabia que ela era tão sensível.”

* * * * *

Não é necessário muita experiência para notar que os homens e mulheres freqüentemente, agem, pensam e falam de forma diferente daquilo que o sexo oposto espera. Embora usualmente pareçamos entender um ao outro, algumas vezes a pessoa do sexo oposto parece ter caído na terra, vindo de um outro planeta.¹ Algumas vezes, eles reagem de forma tão estranha que apelamos para estereótipos simplísticos e destrutivos, ou resignadamente dizemos: “eles são deste jeito.”

Infelizmente, quando nós experimentamos séria má comunicação entre pessoas do sexo masculino e feminino, em lugar de reconhecê-

las como tal, freqüentemente concluímos que a outra pessoa é estranha, ilógica, maluca, ou simplesmente tem algo de errado, porque ele ou ela sente, pensa, age ou fala “dessa forma.” Em vez de sumariamente declarar que a pessoa do outro sexo seja culpada, devemos ver a comunicação entre os sexos culturalmente. Em certa medida homens e mulheres pertencem a diferentes subculturas. No processo de tornar-nos adultos, aprendemos a comunicar-nos de maneira diferente. Por causa disto, quando homens e mulheres conversam um com o outro, má comunicação cultural algumas vezes ocorre, mesmo quando ambos os lados tentam ser honestos e tratar um ao outro como iguais.

Sociolinguístas analisam como variáveis sociais (tal como idade, posição socioeconômica e sexo), interagem no uso da linguagem. A análise de discurso e conversação, focaliza na interação linguística, a forma como as relações humanas são estabelecidas, negociadas e mantidas.

O trabalho pioneiro de Robin Lakoff em linguagem e gênero, revelou certos aspectos linguísticos do inglês norte-americano que pareciam distinguir a conversa da mulher da do homem.² Tais aspectos incluíam a entonação, quando uma afirmação fosse esperada, por exemplo, perguntas como: “Está quente hoje, não está?”; supercorreção gramatical e conversação muito polida. Enquanto algumas de suas conclusões sejam debatidas, o estudo de Lakoff conduziu a valiosas informações sociolinguís-



Ilustração: Nestor

ticas. Embora minimizando o papel do poder como enfatizado por Lakoff, a investigação de Deborah Tannen na questão da comunicação entre sexos, na qual muito do material desta seção está baseado, representa a continuidade dessa pesquisa.³

A Conversa de Meninos e Meninas

Situações de interação entre pessoas do sexo oposto, desde o nascimento à fase adulta têm sido cuidadosamente estudadas pela pesquisa sociolinguística e análise de conversação e discurso. Dadas as diferenças entre os sexos que existem nos adultos, não é de surpreender que muitos estudos têm descoberto significativas diferenças em estilo interativo em idades bem tenras. Devido a limitação de espaço, iremos nos concentrar nas diferenças de interação entre crianças do mesmo sexo.

Pesquisas confirmam a observação de leigos que meninos tendem brincar ao ar livre em grandes grupos tendo um líder e uma ordem hierárquica claramente demarcada. Os meninos gostam de jogos com regras detalhadas, vencedores e perdedores definidos. Rotineiramente eles se vangloriam de habilidades individuais ("Eu posso pular cem vezes mais alto que você!"). Os meninos têm consciência da autoridade e de maneira típica eles gostam de desafiá-la. Frequentemente eles falam para impressionar seus pares ou para se defenderem quando sua posição é questionada.

As meninas gostam de brincar em grupos pequenos e privados, frequentemente preferindo jogos dentro de casa nos quais não existem claros vencedores ou perdedores (ex. "brincar de casinha"). Os líderes do grupo tendem expressar suas ordens indiretamente como pedidos ou sugestões ("você quer ser a irmã mais velha?"). As meninas raramente usam a força para impor sua vontade, porque para

elas ser apreciada é mais importante do que ser obedecida. As meninas normalmente obedecem aos pedidos das figuras de autoridade, tomando-se frequentemente especiais para a professora. Para as meninas, falar funciona como "a cola que mantém unidos os relacionamentos."³ De fato as meninas, frequentemente, estabelecem amizades partilhando segredos.

Independência versus Intimidade

Não é de surpreender que muitos aspectos dos estilos comunicativos aprendidos pelas crianças as acompanham na fase adulta. Enquanto nem todas as generalizações neste artigo sejam verdade para *todas* as mulheres ou *todos* os homens em cada situação, elas, contudo, descrevem tendências e características que podem ser úteis para se estabelecer compreensão.

Como adultos, os homens tendem perceber o mundo hierarquicamente. Em função disto, em conversações um homem frequentemente tende focalizar sua posição em relação aos demais: ele está em posição superior ou inferior. Os homens continuamente tentam estabelecer e manter independência.

Mesmo na vida adulta, as mulheres continuam a ver o mundo como um lugar onde relacionamento interpessoal é o que realmente conta. Conversações são frequentemente usadas para negociar envolvimento e apoio. Em conversações, as mulheres tendem medir a distância emocional do seu parceiro: está esta pessoa tentando tornar-se mais envolvida ou está ela afastando-se? A hierarquia entre as mulheres relaciona-se mais com intimidade do que com poder.

Como Tannen observa, as diferenças de gêneros, frequentemente são simplesmente diferença de foco e grau. Isto pode ser ilustrado pelo fenômeno conhecido como "insistência." Quando são solicitadas a fazerem qualquer coisa por seus parceiros, as mulheres normalmente consentem, enquanto os homens tendem a resistir levemente. Quando não há uma resposta visível após a esposa pedir a seu esposo que leve o lixo para fora, ela pode presumir que ele não entendeu que ela realmente deseja que ele o faça logo, arrazoando que na mesma situação ela naturalmente aquiesceria. O homem, contudo, talvez deseje evitar a aparência de que ele está recedendo ordens, assim ele espera para levar o lixo quando lhe parecer oportuno. Quanto mais a esposa insiste, mais ele espera para agir. O resultado deste conflito entre os estilos de comunicação entre homem e mulher é o círculo vicioso conhecido como "insistência."

Necessidades de independência e intimidade aparecem em conflito na *Cena No. 3*: Lee e Jeanette são casados. André, um antigo amigo de escola de Lee, telefona e diz-lhe que estará na cidade durante o fim de semana. Lee convida-o para ficar com eles. Durante o jantar da quinta-feira, Lee fala à sua esposa sobre a visita de André, e Jeanette torna-se claramente irritada.

"Como você poderia convidá-lo para passar o fim de semana já tão em cima, sem pelo menos consultar-me antes?" ela questiona.

"Por que eu tenho que dizer-lhe cada coisa que decido fazer?" Lee responde.

Esta breve cena ilustra um conflito entre a diferença de necessidades de independência e intimidade na vida de um casal. Para Jeanette, a intimidade do seu relacionamento com Lee impõe envolvimento em sua vida e ele na dela; ela assume que os cônjuges partilhem seus planos e tomem decisões por consenso. Além disto, ter um hóspede inesperado frequentemente requer trabalho extra de limpeza e cozi-

nha. Lee sente que consultar sua esposa antes de tomar qualquer decisão interfere na sua independência; se ela realmente o entende, ele pensa, não faria o jogo de tentar controlá-lo.

Na interação entre os sexos masculino e feminino, não há uma fórmula correta para comunicação. Negociação e flexibilidade dos dois lados são componentes cruciais para que se alcance comunicação bem-sucedida. Ademais, é importante que se perceba que quando o seu estilo usual "não está funcionando," insistir um pouco mais com ele trará pouco benefício, assim como falar mais alto para alguém que não entende sua língua não fará com que ele entenda melhor. De fato, repetir a mesma coisa, frequentemente resulta em "sismogênese complementar," um termo usado por Bateson² para explicar a situação onde um comportamento exagerado provoca na outra pessoa uma reação de oposição extremada, conduzindo a uma espiral progressivamente incontrolável. No caso de Lee e Jeanette, o "sismogênese complementar" significaria que quanto mais Lee puxa na direção de preservar sua independência, Jeanette mais tentará preservar seus valores de intimidade.

Pontos de Vista Diferentes e Reações

Sendo que a mulher e o homem algumas vezes vêem as coisas de perspectivas diferentes, eles podem interpretar o mesmo ato de forma diferente. Por exemplo, em um grupo de laboratório composto por duas mulheres e dois homens, uma das mulheres é designada para liderar. Ela pode tentar alcançar o consenso sobre como proceder antes de fazer o grupo avançar. Os membros masculinos do grupo podem ver nisto uma perda de tempo e atribuir o inaceitável comportamento da mulher à insegurança ou incompetência. Contudo, a outra mulher no grupo pode estar satisfeita com aquilo que ela considera um comportamento competente e atencioso, uma vez que isto seria exatamente o que ela faria se fosse a líder do grupo. Assim, devido aos diferentes estilos de interação, situações nas quais as mulheres crêem que estão demonstrando qualidades positivas, podem ser entendidas negativamente pelos homens, e vice-versa.

Voltando às cenas 1 e 2 mencionadas acima, encontramos diferenças na comunicação entre os gêneros. Na cena número 1, embora Bette e Adrian concordem com a mensagem do que eles necessitam obter (informações), eles focalizam em diferentes meta-mensagens (significados implícitos), criadas pela necessidade de informações. Porque Bette sintoniza-se com a meta-mensagem de relacionamento ela não hesita interagir com alguém para buscar a informação necessária. De fato, as mulheres são conhecidas por pedirem informações mesmo quando elas têm uma idéia razoavelmente clara do lugar onde estão indo, porque isto permite-lhes interagir com pessoas locais.

Adrian, por outro lado, focaliza na hierarquia: "Uma vez que alguém tem a informação que eu necessito e eu sou forçado a buscá-la, isto me colocará numa posição inferior." Ele pode ainda supor que, se a pessoa a quem pede a informação não souber, ela poderá dar a informação errada, de preferência a admitir ignorância. Bette supõe que se alguém não sabe, ele ou ela simplesmente dirá que não sabe.

Continua na página 29 



Por Que Você . . .

☞ *Continuação da página 7*

Para que algum avanço ocorra, tanto o homem como a mulher devem reconhecer seus diferentes estilos de comunicação e considerar cada abordagem como válida. O “melhor” estilo na cena número 1 não é necessariamente o de Bette ou o de Adrian: ambos necessitam ser flexíveis e aprenderem adaptar-se ao estilo do outro enquanto procuram uma solução.

A cena número 2 parece confusa: Como Mário, muitos homens teriam mal compreendido o pedido de simpatia de Julie. Em vez de criar um senso de solidariedade com ela lamentado acerca de seu vestido arruinado, como uma amiga teria feito (“Que desastre! Este vestido caía tão bem em você! Sabe o que aconteceu comigo no ano passado...”), a tentativa de Mário em ajudar oferecendo uma solução, sugere à Julie que em vez de serem iguais e portanto íntimos, eles na realidade são diferentes e distantes. A rápida afirmação de Mário de que o problema não é tão mal como parece, faz Julie sentir que suas emoções não são consideradas. Assim ela responde negativamente quando Mário tenta agir da forma que ele julga ser atenciosa.

Mulheres Tagarelas e Homens Silenciosos?

Falando de comunicação, o que pensamos da noção universal de que as “mulheres conversam demais?” Curiosamente, em encontros, em discussões de grupos mistos, em salas de aula, as pesquisas têm demonstrado que os homens falam mais que as mulheres! A diferença básica está no tema da conversação e no seu local. Para as mulheres, a conversação é usada para estabelecer e negociar relacionamentos; assim, as mulheres tendem a falar mais em situações privadas, freqüentemente contando eventos em detalhes para estabele-

cer relacionamento com os seus “significantes outros.” Os mexericos também entram nesta categoria de diferenças de temas. As mulheres tendem trocar informações acerca de pessoas. Os homens também podem ser considerados tagarelas, embora os tópicos de suas conversões sejam freqüentemente política, regras, poder institucional e esportes.

Em público, os homens freqüentemente oferecem opiniões e “fatos reais,” estabelecendo assim a posição deles. Para muitos homens, conversar é principalmente uma forma de trocar informações. Quando eles se descontram, em situações privadas, muitos homens se sentem confortáveis falando muito menos, precisamente quando as mulheres desejam que eles falem mais.

Uma ilustração da atitude do homem e da mulher em relação à conversação privada, freqüentemente ocorre quando os pais telefonam aos seus filhos adolescentes ou adultos que estão longe, na escola. A mãe pode desejar saber todos os detalhes, enquanto o pai freqüentemente limita-se a uns poucos bem escolhidos comentários e perguntas sobre finanças, exames e notas.

Problema no Paraíso

E um capítulo do seu livro *Gender and Grace*⁶, a psicóloga Mary Stewart Van Leeuwen investiga uma interessante possibilidade acerca das origens destas aparentemente diferenças globais entre os gêneros. Embora ela admita ser amadora em questões teológicas, Van Leeuwen monta um curioso cenário bíblico:

Cena número 1: *Criados à Imagem de Deus*. Van Leeuwen foca-

liza dois aspectos sobre o significado de terem os humanos sido criados à imagem de Deus: sociabilidade (interesse por relacionamentos e comunidade) e domínio ou governo responsável sobre toda a criação.

Cena número 2: *Problema no Paraíso*. Foi aqui, no original Jardim do Éden, Van Leeuwen sugere, que as diferenças entre os gêneros iniciaram. Embora instruídos a não abusarem do seu domínio “decidindo a natureza do bem e do mal,” nem abusarem de sua sociabilidade como marido e mulher, persuadindo o outro a violar a ordem divina, Adão e Eva fizeram exatamente isso. De acordo com Van Leeuwen,

os efeitos de Gênesis 3:16 refletem a forma particular em que cada um pecou no Jardim. O homem e a mulher foram igualmente criados para sociabilidade e domínio. Mas ao tomar o fruto a mulher foi além dos limites do governo responsável. Como consequência sua sociabilidade misturou-se com o problema de dificuldade social, o qual continua a impedir o próprio exercício do domínio no mundo em geral. Por contraste, o homem, ao aceitar o fruto de sua esposa, excedeu-se aos limites da unidade social. Como consequência, seu legítimo governo responsável tornou-se escravizado ao problema da dominação, o qual, desde então, tem interferido com seus relacionamentos: com Deus, com a criação e com as outras pessoas, incluindo as mulheres.⁷

O Que Podemos Fazer?

As mulheres e os homens, realmente, se comunicam de forma diferente. Infelizmente, não parece haver nenhuma solução rápida para melhorar a má comunicação entre os gêneros. Para que se alcance comunicação desejável, necessita-

mos flexibilidade e abertura para ouvir, falar e entender em uma forma que pode parecer um pouco diferente do nosso estilo comum. Entender as causas da má comunicação permite-nos tratar com situações que nos deixam perplexos, fazem-nos sentir desconfortáveis, ofendidos, ou ferem, porque erroneamente podemos supor que a outra pessoa intencionou que isto ocorresse.

Ao aprendermos ver as coisas de perspectiva diferente e sintonizando-nos com as possíveis razões por trás de nossa má compreensão, damos um importante passo em promover boa comunicação. E no espírito de Romanos 12:10, a consideração cristã não estará longe de nossos relacionamentos diários.

NOTAS

1. Escolhi usar os termos *sexo* e *gênero* de forma intercambiável, embora estes termos sejam frequentemente diferenciados (*sexo* sendo um atributo biológico e *gênero* sendo a característica a qual é aprendida através do processo de socialização).

2. Robin Lakoff, *Language and Woman's Place* (New York: Harper and Row, 1975).

3. Deborah Tannen, *That's Not What I Meant!* (New York: Ballantine Books, 1986); *You Just Don't Understand: Women and Men in Conversation* (New York: William Morrow and Co., 1990).

4. Tannen, *You Just Don't Understand*, pág. 85.

5. Gregory Bateson, *Steps to an Ecology of Mind* (New Haven, Connecticut: Yale University Press, 1972).

6. Mary Stewart Van Leeuwen, *Gender and Grace* (Downers Grove, Illinois: InterVarsity Press, 1990).

7. Stewart Van Leeuwen, *ibidem*, pág. 47.

Sylvia B. Rasi é candidata a um Ph.D. em lingüística, na Georgetown University, em Washington, D.C. Ela também trabalha como especialista em teste de desenvolvimento, no Centro de Lingüística Aplicada.